



AGRO MUNDO EDITORAÇÃO ELETRÔNICA LTDA

São Paulo, 02 de fevereiro de 2010.

Conheça a situação das lavouras na região Sul do país

Microrregião de Curitibanos – SC – (Frei Rogério, Ponte Alta/Norte, São Cristóvão, Brunópolis) – O plantio de feijão tradicionalmente é realizado em novembro, mas em razão das chuvas parte dos produtores migrou para dezembro em busca de melhores condições para o desenvolvimento do grão, iniciativa que corre o risco de ficar sem efeito com a persistência das chuvas.

Os trabalhos de colheita começam em fevereiro. No momento, as máquinas estão impossibilitadas de entrar na lavoura por causa do solo carregado de umidade. Os grãos terão de passar pelo secador e por enquanto as previsões para fevereiro são de mais chuva.

As lavouras plantadas em dezembro serão colhidas em março. Os produtores esperam uma queda na produtividade de pelo menos 20%, o que corresponde a uma colheita de 30 sacas por hectare, quando o normal é de 40 a 45 sacas por hectare.

O grão predominante é o carioca pérola e há 10% de plantio de feijão preto. No ano passado, a área plantada foi de aproximadamente 6 mil hectares, e este ano o plantio é estimado entre 3,5 mil e 4 mil hectares, uma redução de 30%. Essa redução reflete fatores como os baixos preços da última safra e o clima prejudicado por longos períodos de chuva.

O produtor considera que o ciclo é curto, mas as chuvas fazem a temperatura baixar e estendem esse período. Muitos produtores migraram para outra cultura, como a da soja, mesmo tendo que enfrentar o trabalho com a prevenção de doenças.

Com a baixa produtividade e redução de áreas, a expectativa quanto a um produto de qualidade fica para março. O agrônomo André Alvim, que atua nessa região do Paraná, afirma que o mal tempo dificulta as previsões sobre as lavouras. “Teremos que aguardar para ver o que vai se salvar”.

Microrregião de Campos Novos – SC – (Celso Ramos, Abdon Batista, Erval, Vargem, Monte Carlo, Anita Garibaldi, Ponte Alta-Sul) – Essa região não tem sentido tanto a influência das chuvas. Atualmente, é colhido o feijão que foi plantado em outubro, e de boa qualidade, segundo os agrônomos.

Rua Santa Rosa, 112 – 6º andar sl. 64 – Brás

São Paulo – SP CEP 03007-040

Central de Atendimento: (**11) 3326-5185

Site: www.negociosemmercado.com.br e-mail: negociosemmercado@uol.com.br



AGRO MUNDO EDITORAÇÃO ELETRÔNICA LTDA

A área plantada é de cerca de 18 mil hectares, dos quais 13 mil estão concentrados em Campos Novos. Segundo o agrônomo Marcelo Capelari, a área foi mantida em relação a safras anteriores. Para este mês, no entanto, há previsões de chuvas nessa região, o que dificulta as projeções quanto à qualidade da produção nas próximas semanas.

Houve também um plantio que ocorreu em novembro e sua colheita é esperada para o fim de fevereiro. Nesse caso, 50% das plantas estão em enchimento de grão, 30% em floração e 20% em desenvolvimento vegetativo. A semente adotada é a pérola e algumas áreas estão com rubi.

No momento, poucas áreas estão produzindo nessa região. Se as chuvas em fevereiro alterarem o ciclo de produção, o desenvolvimento do grão pode se estender para o quarto mês, em vez de se encerrar em três meses.

O feijão preto tem uma participação pequena nessas lavouras e sua produção é voltada para a própria região, que tem tradição no consumo dessa variedade.

Rio Grande do Sul – RS – O momento tem em vista as safras de Erechim, Vacaria e Lagoa Vermelha. O período de plantio é o mesmo das microrregiões de Santa Catarina. As áreas têm previsão de colheita para março.

Microrregião de Castro – PR – (Ventania, Tibagi) – Essa é uma região ativa no mercado de feijão. As plantações começaram em outubro. A área plantada é estimada em 60 mil hectares, incluindo a área de 10 mil a 15 mil hectares que estão no início do plantio. Essa área deverá enviar o produto para o mercado em março e abril. A concentração maior é de semente juriti.

As lavouras estão administrando essa semente graças à boa aceitação do solo. Os produtores estão preocupados com as previsões de chuvas para a região, mas o agrônomo Rivelino Seganfredo afirma que com a tecnologia aplicada à produção as perdas são mínimas. Um dos exemplos é o recurso da secagem.

O agrônomo diz que a produtividade é a questão central para o trabalho de campo quando há previsão de chuva. O ciclo do plantio se estende e as plantas ficam sujeitas a doenças, como a antracnose.

Análise de mercado

Rua Santa Rosa, 112 – 6º andar sl. 64 – Brás

São Paulo – SP CEP 03007-040

Central de Atendimento: (**11) 3326-5185

Site: www.negociosemmercado.com.br e-mail: negociosemmercado@uol.com.br



AGRO MUNDO EDITORAÇÃO ELETRÔNICA LTDA

O atacado paulista está absorvendo o feijão da região sudoeste do Estado, que encerrou a colheita em janeiro. Também chegam ao atacado os grãos de Minas Gerais e Goiás. A produção mineira atualmente se divide entre o grão fraco, da última colheita, e o extra das regiões de Unaí e Paracatu. As regiões produtoras de Goiás estão em fase de colheita.

Um aspecto que é interessante analisar sobre o mercado é quanto ao comportamento dos preços. Eles têm permanecido relativamente estáveis, apesar da chuva insistente, graças à aplicação de tecnologia na lavoura, que ajudou a evitar quebras. Em muitas regiões do Sul e Sudeste, as chuvas foram maiores em 30 anos, sendo comum em área de plantio um índice acumulado de 300 milímetros em janeiro. As variações de preço nos últimos meses têm ocorrido mais em função da qualidade, enquanto a capacidade de oferta do mercado se manteve em alta.

O momento tem prejudicado as operações com o produto extra, que há meses enfrenta situação de escassez no mercado por causa da persistência das chuvas, que prejudicam a qualidade. Esse feijão atualmente só está ocorrendo nas lavouras de Minas e Goiás. Seu preço já chegou à faixa de R\$ 75 a R\$ 78 a saca no atacado paulista.

A dificuldade com o extra tem levado os empacotadores a partir para marcas de combate, com produtos que estão na faixa de custo de R\$ 40 a R\$ 50. Esse é um movimento de adaptação ao produto que o atacado tem a oferecer no momento.

Mesmo em escassez, o preço do extra não sobe porque diante do predomínio de produtos fracos o comprador perde o interesse em oferecer um produto Premium ao consumidor. Desse modo, o comprador parte para a substituição, procurando em uma situação melhor para enfrentar a concorrência no mercado. O consumidor final, por sua vez, também tende a buscar o menor preço. A diferença de preço na ponta do mercado entre um produto fraco e o extra chega a 100% - enquanto o quilo de extra custa R\$ 3,00, o comercial é oferecido a R\$ 1,50, uma diferença que para o consumidor é muito significativa.

Rose Almeida
Negócios & Mercado

Rua Santa Rosa, 112 – 6º andar sl. 64 – Brás
São Paulo – SP CEP 03007-040
Central de Atendimento: (**11) 3326-5185

Site: www.negociosemmercado.com.br e-mail: negociosemmercado@uol.com.br